



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>

ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Rodas de conversa sobre estratégias para aliviar a ansiedade em crianças hospitalizadas: um relato de experiência

Conversation routes on strategies to alleviate anxiety in hospitalized children: an experience report

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1123

ARK: 57118/JRG.v7i14.1123

Recebido: 08/04/2024 | Aceito: 20/05/2024 | Publicado *on-line*: 21/05/2024

Thayná de Souza Oliveira¹

<https://orcid.org/0009-0003-1979-6862>

<http://lattes.cnpq.br/7995191418226422>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: thayna.s.cardoso@hotmail.com

Jeani Maria da Conceição Santos²

<https://orcid.org/0009-0007-7849-3465>

<http://lattes.cnpq.br/7406555013204604>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: Jeani.jk@hotmail.com

Uirassú Tupinambá Silva de Lima³

<https://orcid.org/0000-0002-5760-5516>

<http://lattes.cnpq.br/2550156851389666>

Centro Universitário Cesmac, AL, Brasil

E-mail: uirassu.lima@cesmac.edu.br



Resumo

Introdução: A ansiedade desde uma perspectiva psicobiológica é considerada como sendo um estado de alerta mediante a uma ameaça à integridade, seja física ou psicológica que desencadeia um gasto suplementar de energia na pessoa adoecida.

Objetivo: Relatar a experiência de professores e estudantes de enfermagem de uma instituição privada de ensino superior na facilitação de uma roda de conversas sobre a utilização de estratégias de redução da ansiedade em crianças hospitalizadas.

Método: Trata-se de um estudo de dados secundários, para a coleta de dados foram utilizados o diário observacional, roteiro de estratégias possíveis para nortear a conversa, ensaios fotográficos das atividades, plano diário das rodas de conversa.

Resultados e Discussão: foram identificadas categorias de conhecimento, incluindo estratégias terapêuticas, equipe multidisciplinar, ressaltando a importância de uma abordagem integrada para o manejo da ansiedade em crianças no contexto de internamento. **Conclusões:** Evidenciou-se a necessidade de uma abordagem abrangente e integrada no cuidado da ansiedade em crianças durante o internamento hospitalar. A enfermagem desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar emocional e na qualidade de vida desses pacientes durante todo o processo de cuidado.

¹Graduanda em Enfermagem pelo Centro Universitário Cesmac.

²Graduando em Enfermagem pelo Centro Universitário Cesmac.

³ Mestre em Ensino na Saúde. Graduado em Enfermagem e Psicologia. Orientador da pesquisa.

Palavras-chave: Saúde mental. Diagnóstico de enfermagem. Ansiedade. Crianças hospitalizadas.

Abstract

Introduction: Anxiety from a psychobiological perspective is considered as a state of alertness in response to a threat to integrity, whether physical or psychological, triggering an additional expenditure of energy in the afflicted person. **Objective:** To report the experience of nursing professors and students from a private higher education institution in facilitating a conversation group on the use of anxiety reduction strategies in hospitalized children. **Method:** This is a study of secondary data, where data collection included observational diary, a script of possible strategies to guide the conversation, photographic essays of the activities, and a daily plan of conversation sessions. **Results and Discussion:** Knowledge categories were identified, including therapeutic strategies, multidisciplinary team, emphasizing the importance of an integrated approach to anxiety management in children in the hospitalization context. **Conclusion:** It became evident the need for a comprehensive and integrated approach in addressing anxiety in children during hospitalization. Nursing plays a fundamental role in promoting emotional well-being and quality of life for these patients throughout the care process.

Keywords: Mental health. Nursing diagnosis. Anxiety. Hospitalized children.

1. Introdução

A ansiedade desde uma perspectiva psicobiológica é considerada como sendo um estado de alerta mediante a uma ameaça à integridade, seja física ou psicológica que desencadeia um gasto suplementar de energia na pessoa adoecida. Em crianças hospitalizadas, é um objeto de estudo relevante que afeta não apenas o bem-estar emocional, mas também seu processo de recuperação. Estudos recentes, como os realizados por Silva et al (2021), NANDA (2018), Floro (2016), Dos Santos et al (2016) destacam a persistência desse diagnóstico de enfermagem (DE), sua influência no ambiente hospitalar e suas implicações para o cuidado.

Silva et al. (2021) conduziram uma revisão integrativa que investigou diferentes abordagens terapêuticas para lidar com a ansiedade em crianças hospitalizadas. Eles identificaram uma série de estratégias eficazes, incluindo intervenções lúdicas, comunicação empática e presença familiar. No entanto, ressaltam a importância de adaptar essas intervenções às necessidades individuais de cada criança e ao contexto específico em que estão inseridas.

Segundo Bee (2016), a primeira infância compreende o período que vai do nascimento até os dois anos de idade, caracterizado por um rápido desenvolvimento físico e cognitivo, e uma dependência quase total dos cuidadores primários para as necessidades básicas de sobrevivência e segurança. A segunda infância, dos dois aos seis anos, é marcada pelo avanço das habilidades motoras e cognitivas, bem como pelo início da compreensão das próprias emoções e das dos outros. Já a terceira infância, dos seis aos doze anos, conhecida como período da escola primária, representa uma fase de grande crescimento e aprendizado, onde as crianças desenvolvem habilidades acadêmicas, sociais e emocionais mais complexas.

Dessa maneira, a pesquisa nos últimos anos tem se orientado no sentido de busca de soluções e meios de enfrentamento dos impactos causados pela hospitalização nos pacientes pediátricos, sendo uma delas a redução da ansiedade pela escuta terapêutica e o manejo efetivo de estratégias que a alivie. Tendo em

conta, a complexidade do ambiente hospitalar e as necessidades específicas dessa clientela, pois entende-se que a compreensão aprofundada dessas estratégias visa contribuir para o desenvolvimento de diretrizes mais eficazes no cuidado emocional, promovendo não apenas a recuperação física, mas também o bem-estar psicológico a curto e longo prazo.

Nesta circunstância, a enfermagem participa como ferramenta importante na busca por soluções destinadas a reduzir a ansiedade nas crianças hospitalizadas. Sua atuação transcende o aspecto técnico, envolvendo uma abordagem holística que considera a individualidade de cada criança, as particularidades do ambiente hospitalar e as demandas emocionais inerentes à faixa etária (Martins et al., 2021; Floro, 2016).

Em vista disso, esta pesquisa teve como objetivo relatar a experiência de professores e estudantes de enfermagem de uma instituição privada de ensino superior na facilitação de uma roda de conversas sobre a utilização de estratégias de redução da ansiedade em crianças hospitalizadas.

No contexto hospitalar, essas estratégias têm se destacado como ferramentas eficazes no manejo da ansiedade em crianças. E estudos como o de Silva et al (2020), ressaltam a importância de atividades como contação de histórias, jogos educativos e arteterapia como meios de proporcionar distração, conforto e humanização às crianças hospitalizadas. Essas práticas não apenas auxiliam na redução dos níveis de ansiedade, mas também promovem uma melhor adaptação ao ambiente hospitalar, contribuindo para uma experiência mais positiva durante a internação (NANDA, 2018; Silva et al., 2020).

A relevância desse estudo é trazer à pauta o problema da ansiedade infantil e impactar positivamente no cuidado oferecido a essa clientela. Dessarte, a hipótese é de que a abordagem sistêmica e a identificação dos fatores desencadeadores da ansiedade irá reorientar o Processo de Enfermagem (PE) para um planejamento de intervenções mais acolhedoras, terapêuticas e eficientes para as crianças e suas famílias.

É crucial a atuação da equipe multidisciplinar no cuidado emocional das crianças hospitalizadas, identificando suas necessidades e planejando intervenções. A colaboração entre esses profissionais permite uma abordagem abrangente e integrada, visando não apenas a redução da ansiedade, mas também o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e resiliência nas crianças durante o período de hospitalização.

2. Metodologia

O presente artigo narra um relato de experiência (RE) de um grupo de professores e estudantes de enfermagem, de uma instituição privada de ensino superior, na facilitação de rodas de conversa sobre estratégias para aliviar a ansiedade em crianças hospitalizadas. Primeiramente, a ação foi autorizada pela enfermeira supervisora de uma unidade hospitalar e, em seguida os usuários (enfermeiros e outros profissionais da equipe) foram convidados a participar da ação.

O RE consiste em um tipo de estudo que relata vivências acadêmicas e/ou profissionais, gerando conhecimento e reflexões para prática. Caracteriza-se pelo detalhamento, de maneira pormenorizada, dos aspectos de um determinado acontecimento significativo no itinerário formativo de um profissional. O propósito do pesquisador é justamente transmitir as impressões, qualidades, sensações, características e observações sobre aquilo que está sendo detalhado (Gaya; Gay, 2018; Ceretto; Giacobbe, 2019; Mussi et al, 2021).

A Roda de Conversa, ou simplesmente “Roda”, é um instrumento pedagógico e de pesquisa proposto e sistematizado pela autora Cecília Warschauer (2017) sendo este o marco teórico que utilizamos como base para a proposição deste RE.

Para a coleta de dados foram utilizados o diário da roda, roteiro de estratégias possíveis para nortear a conversa e portfólio fotográfico das atividades. Sendo a coleção dos dados descrita processualmente na linha do tempo de suas ocorrências e em seguida submetida a discussão à luz da literatura contemporânea relacionada. E como marco teórico-metodológico para análise textual, agregou-se os pressupostos de Almeida et al (2019), Araújo et al (2020), Casemiro et (2018) e Freire (2011).

Não se tratando de uma pesquisa de dados primários, e sim de uma narrativa de experiências das próprias autoras. A pesquisa não necessitou da submissão para apreciação ética, por se tratar de relato de experiência, com anuência do local onde ocorreu o estágio curricular obrigatório e garantias de confidencialidade dos dados, não sendo utilizados questionários e entrevistas como preconizado pelas resoluções nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e nº 674, de 06 de maio 2022.

As rodas de conversas são espaços coletivos usados para a discussão e reflexão sobre diversos temas, podendo ser utilizada para distintos fins inclusive para expor experiências acerca de um assunto ou tema proposto (MACHADO; et al, 2015).

Os encontros foram facilitados pelas estudantes de enfermagem autoras do relato, sob sistemática orientação de um professor do curso de enfermagem, com formação em saúde mental, e acompanhadas por duas enfermeiras, uma psicóloga, 1 técnico de enfermagem do serviço de saúde. Ademais, participaram 2 estudantes de enfermagem, por um período de 1 mês, totalizando 3 encontros. Este trabalho foi realizado em um Hospital filantrópico, localizado na cidade de Maceió (Al), Brasil.

3. Relato de Experiência

Durante a formação em enfermagem, o desejo de compreender as repercussões emocionais da hospitalização infantil foi um desdobramento natural oportunizado pelos componentes curriculares de Atenção à Saúde da Criança, do Adolescente e Saúde Mental. Porém, foi durante as práticas em pediatria, ofertadas pelo ISEC-5 (Integração Ensino-Serviço) em março de 2023 que essa inquietação acadêmica tornou-se mais presente em nossas intenções de pesquisa. Nessa ocasião, fomos convidadas a participar de uma ação no projeto "Sorriso de Plantão", no auditório de um hospital público do Estado de Alagoas, onde discutimos e planejamos atividades lúdicas e ocupacionais.

Foi a partir dessa experiência inspiradora e impactante que a vontade de conhecer mais a fundo sobre o tema da ansiedade infantil no contexto hospitalar começou a florescer. A interação direta com as crianças e suas famílias nos fez perceber a importância de não apenas tratar as questões físicas, mas também as emocionais, gerando um gatilho positivo que transcende o aspecto clínico. Essa vivência fortaleceu a determinação em buscar formas de oferecer um cuidado mais e integral e humanizado às crianças fragilizadas pelo adoecimento.

Em março de 2024, entramos em contato com a supervisão da enfermagem da referida instituição, que nos autorizou fazer esse acompanhamento, foram realizadas observações em alas de uma unidade de internação hospitalar pediátrica em um hospital filantrópico localizado no município de Maceió-AL. Este estudo contou com a participação de duas alunas do nono período do curso de graduação em enfermagem de uma instituição particular de ensino, com a orientação semanal de um professor da linha de cuidado de saúde mental e atenção psicossocial.

No roteiro para as rodas de conversas as facilitadoras propuseram as seguintes atividades: apresentação do grupo facilitador; estabelecimento de normas e orientações para o grupo; delineamento de como funciona uma roda; exposição oral dialogada acerca da criança e sua hospitalização, do diagnóstico de ansiedade associada e o planejamento de estratégias de intervenções pela equipe multiprofissional. Este roteiro organizou os encontros do grupo e ajudou a compreender de forma mais profunda como a equipe de enfermagem e multiprofissional recebe as crianças que exterioriza ansiedade no ambiente hospitalar e como essas interações podem trazer conforto e promover o bem-estar nesses indivíduos.

Criamos um diário da roda onde tudo relativo aos encontros foram registrados, fornecendo assim conteúdo para uma posterior narrativa cronológica detalhada das atividades e observações realizadas ao longo das vivências práticas e os aprendizados adquiridos.

Foram em totalidade três encontros presenciais, o primeiro foi de acolhimento e o segundo educação em saúde. No dia 11 de março iniciamos na unidade as 8:00h, fomos recebidas pela supervisora de enfermagem, que nos conduziu pela estrutura do hospital e nos apresentou à equipe, detalhando o cronograma de atividades daquela ala de internação.

Para o desenvolvimento da roda solicitamos uma sala de dinâmica de grupo ou uma sala de aula tipo miniauditório, mas não conseguimos. Sendo em princípio designado um espaço no corredor da unidade pediátrica, todavia esse ambiente não correspondia às características físicas para o desenvolvimento de uma roda de conversa. Ficaríamos muito expostos já que se tratava de uma área de circulação de usuários. Então, foi disponibilizada uma sala reservada, com espaço suficiente para implementação das atividades.

No primeiro encontro, optou-se por uma abordagem dinâmica e interativa para promover o acolhimento e contrato do grupo. Com esse intuito, foi utilizado atividades lúdicas, dinâmicas de grupo, música e jogos de integração, para criar um ambiente descontraído e facilitar a interação entre os participantes da roda. Essas atividades visavam não apenas descontrair os envolvidos, mas também estabelecer um clima de confiança e colaboração desde o início. Através dessas ferramentas, tivemos a oportunidade de nos envolver ativamente com os participantes, promovendo uma atmosfera de camaradagem e receptividade.

Inicialmente, organizamos essa sala com as cadeiras formando um círculo, como estratégia de interação entre o grupo. Para conduzir a conversa de forma mais dinâmica, oferecemos uma exposição dialogada enriquecida por meio de recursos audiovisuais (PowerPoint, Vídeo etc.) a arte e elaboração dos conteúdos trabalhados teve como principal ponto, uma estrutura livre, de forma que as pessoas envolvidas não se sentissem em uma palestra, e sim em um ambiente seguro de troca de experiências. Em seguida, após o esclarecimento das dúvidas, nos apresentamos e explicamos o objetivo da roda de conversa, de como eles poderiam nos ajudar neste bate papo sobre as estratégias para lidar com a ansiedade infantil, técnicas de relaxamento, promoção da saúde mental na infância, entre outros.

A roda de conversa que contou com a presença de 2 enfermeiras, 1 psicólogo, 1 técnico de enfermagem, além das alunas. Esse diálogo visava a democracia participativa e eram essenciais para identificar necessidades e propor ações que pudessem gerar um impacto significativo no aprendizado, levando em consideração a diversidade entre os envolvidos.

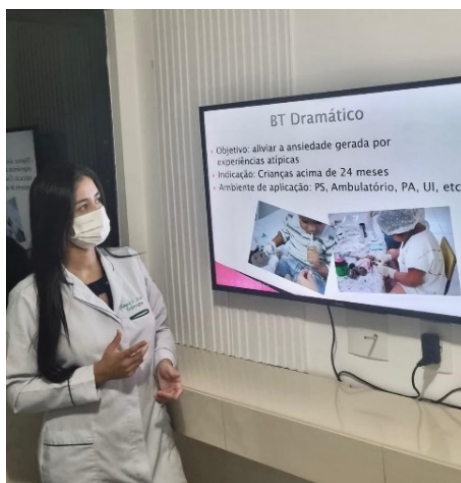
Figura.1 – Autora iniciando a roda de conversa com a equipe da unidade e conhecendo o processo, mediante a ansiedade em crianças hospitalizadas.



Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras, 2024

Por meio dessas discussões, buscamos proporcionar educação em saúde embasada em evidências, garantindo um espaço acolhedor onde podíamos expressar nosso aprendizado de forma qualificada. Essa interação aberta enriquecia o conhecimento do grupo, como também fortalecia o vínculo entre a equipe de saúde e nós, estudantes de enfermagem, gerando um sentimento de colaboração e crescimento mútuo.

Fig.2 – Autora mostrando alguns exemplos que podem ser usados para diminuição das ansiedades das crianças hospitalizadas.



Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras, 2024

No segundo encontro, utilizamos recursos audiovisuais que tínhamos no setor, para demonstrar ao grupo sobre a relevância da utilização dos brinquedos terapêuticos, que podem servir como uma ferramenta educacional, ajudando os pacientes a compreender melhor os procedimentos médicos que estão enfrentando e fornecendo uma sensação de controle sobre sua situação. Do mesmo modo, que podem ser

usados para distrair as crianças durante procedimentos médicos dolorosos ou invasivos, reduzindo a ansiedade e melhorando a experiência geral do internamento. A interação com os brinquedos revelou-se uma ferramenta eficaz para aliviar a ansiedade. Após explorarmos o conteúdo e discutirmos em grupo, foi gratificante perceber o impacto positivo que se deu.

No terceiro encontro, o grupo da roda promoveu uma brinquedoteca, levando uma variedade de materiais de pintura, como canetinhas, lápis de cor, tintas e folhas A4. Quer dizer, organizamos uma sessão de pintura e desenhos, proporcionando às crianças a oportunidade de expressarem suas emoções através da arte. As criações artísticas das crianças foram diversas e surpreendentes, refletindo suas personalidades e sentimentos de uma maneira única. Além disso, introduzimos brinquedos terapêuticos projetados para demonstrar procedimentos médicos, como bonecos com o bracinho enfaixado, crianças com soro fisiológico e bonecos com acessos intravenosos em diferentes membros.

Essa brinquedoteca promovida pelo grupo da roda desempenhou um papel fundamental na criação de um ambiente mais afável e tranquilo, permitindo que as crianças se familiarizassem com os procedimentos de forma leve e compreensível. A experiência que ficou foi de uma redução significativa na ansiedade das crianças, que expressava entender melhor o que estava acontecendo durante seu tratamento. Outrossim, na perspectiva da roda contribuiu para uma atenção mais humanizada, confortável e segura.

Para finalizar nossos encontros, participamos de uma reunião devolutiva com a supervisão de enfermagem onde foi entregue um relatório da ação, onde compartilhamos nossas observações e deixamos sugestões para futuros direcionamentos. Recebemos muitos elogios pelo trabalho realizado e confirmamos a relevância de tais iniciativas no ambiente hospitalar pediátrico.

Durante as rodas de conversa, trocamos experiências entre profissionais de saúde e pesquisadores, buscando identificar práticas eficazes e dificuldades no manejo da ansiedade infantil. Destacamos o significado do apoio emocional tanto para as crianças quanto para suas famílias, assim como os desafios enfrentados nesse contexto.

As atividades realizadas pelas estudantes tinham a finalidade de expandir a sua autonomia, de colocarem em prática seu protagonismo, assim como, possibilitar a consolidação de suas competências de gestão e planejamento baseadas em diagnóstico situacional.

Outra experiência que fica, foi a elaboração e entrega de um plano de cuidados com integração de estratégias para o alívio diagnóstico de enfermagem de ansiedade infantil. Essas propostas foram cuidadosamente refletidas e ajustadas com base no *feedback* da equipe de enfermagem e na literatura contemporânea que trata do assunto.

As vivências adquiridas durante esses encontros, tornaram-se construtivas para os estudantes, como também para os participantes, colaborando de um lado para um ambiente mais desafiador, por outro, presentificando conhecimentos, habilidades e atitudes afetivo-emocionais requeridas para um profissional de saúde crítico-reflexivo conforme preconiza os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS).

Ao refletir sobre essa experiência, ficou claro que a combinação de uma abordagem baseada em evidências e uma execução criteriosa do plano de cuidado pode transformar significativamente a experiência hospitalar das crianças. Os saberes aqui adquiridos serão levados adiante em nossa futura prática profissional, onde

continuaremos a aplicar esses princípios e técnicas para oferecer cuidados mais efetivos e compassivos.

4. Discussão

A experiência das rodas permitiu a imersão dos estudantes em um dos componentes emocionais da saúde da criança, que de maneira impactante pode gerar dificuldades na colaboração dessa criança e de sua família com a aceitação dos cuidados, podendo ainda desencadear outros diagnósticos secundários clínicos de enfermagem.

Para Nascimento (2022, p.11):

“O objetivo da Roda é proporcionar aos participantes um espaço dialógico onde as experiências são compartilhadas e registradas (Diário da Roda), buscando-se, a partir das situações compartilhadas, soluções por meio da reflexão que conduza os participantes à resolução de conflitos, crescimento pessoal e profissional, empatia a partir da escuta”.

Nos encontros das rodas, desse estudo, um achado das conversas, foi de que o processo de hospitalização retira as crianças de suas rotinas de convívio familiar e social, locando-as em um ambiente desconhecido, ao mesmo que são submetidas a procedimentos invasivos que geram fobias e ansiedade. Estudos anteriores endossam que a ansiedade, o medo, a angústia e a desagregação causados frente a hospitalização podem desenvolver sintomas físicos como dor, falta de apetite e distúrbios do sono (Araújo et al., 2020; Pontes et al., 2022).

Crepaldi et al (2006) corrobora que a doença pode afetar o desenvolvimento infantil, de maneira geral, quando impõe a criança o repouso, os procedimentos médicos dolorosos e invasivos, a restrição da escolarização, o distanciamento de familiares e amigos. Todos estes fatores afetam as condições psicológicas e sociais da criança, gerando sentimentos negativos como a angústia e o medo da morte.

Nos encontros das rodas, outra pauta comum no diálogo, foi a ansiedade como diagnóstico de enfermagem (DE), baseando na taxonomia da NANDA-I (NANDA, 2019) onde emergiu o entendimento de que a ansiedade infantil desencadeia sinais e sintomas como irritabilidade, distúrbios no sono, medo excessivo, tristeza, entre sintomas psicossomáticos conversivos. Essa experiência ampliou nossa compreensão do Processo de Enfermagem em Pediatria (PEP) e do impacto positivo das intervenções planejadas.

Ao iniciar nosso trabalho, identificamos diagnósticos de enfermagem relevantes, como "Ansiedade" e "Medo", conforme descritos pela NANDA-I. Estes diagnósticos foram fundamentais para orientar nossas intervenções de forma eficaz. Em pesquisas recentes (Dos Santos; De Meirelles, 2023), evidencia-se que tais transtornos vem ocorrendo com cada vez mais frequência durante a infância e adolescência e, em especial em momentos como a hospitalização, chegando a interferir negativamente no funcionamento da personalidade e acarretando diversos problemas como diminuição desagregação e interesse quanto as relações sociais e de comunicação.

No contexto da hospitalização pediátrica, a criança é deslocada de seu ambiente familiar e social e inserida em um cenário que lhe é estranho, onde é submetida a procedimentos invasivos que podem induzir fobias e ansiedade (Pontes et al., 2022). Além disso, a ansiedade, o medo e a angústia provocados pela

hospitalização podem manifestar-se em sintomas físicos como dor, perda de apetite e distúrbios do sono, conforme apontado por Araújo et al. (2020). Este estado de ansiedade pode ser agravado pelo isolamento da criança de suas rotinas normais, incluindo a interrupção de sua educação e o afastamento de amigos e familiares (Crepaldi et al., 2006).

No entanto, Jean Watson (2008) oferece uma perspectiva que pode aliviar esse quadro, argumentando que práticas de cuidado caritas, focadas em uma abordagem holística e compassiva, são essenciais para tratar eficazmente os pacientes vulneráveis, como as crianças. Watson propõe que intervenções que incluam escuta empática e a criação de um ambiente esteticamente agradável podem diminuir significativamente a ansiedade em crianças hospitalizadas, promovendo um sentido de segurança e pertencimento.

Diante desta abordagem, pode-se observar um contraponto com os estudos de Dias e cols. (2003), Guimarães (1988), e Munhoz e Ortiz (2006), que indicam que as mudanças no convívio social durante a hospitalização podem intensificar o sofrimento da criança, uma vez que poucos estudos se debruçam sobre as alterações nos hábitos da vida cotidiana destes pacientes. A implementação das práticas sugeridas por Watson poderia, portanto, ser uma estratégia valiosa para mitigar os efeitos negativos mencionados por esses autores, oferecendo um cuidado mais abrangente e sensível às necessidades emocionais das crianças hospitalizadas.

Durante as rodas de conversa, exploramos diversas estratégias não farmacológicas para o alívio da ansiedade em crianças hospitalizadas, como atividades lúdicas, terapêuticas e a comunicação empática. A observação direta das atividades mencionadas revelou sua eficácia na redução da ansiedade infantil, proporcionando conforto e distração, conforme mencionado por Gomes et al. (2013).

A despeito dos cuidados assistenciais durante a internação da criança, cabe ao profissional enfermeiro identificar os sinais de alterações físicas e emocionais nas crianças, e manejá-los. Nesse sentido, o brincar surge como uma ferramenta incrementada para mudar a rotina inerte da internação, haja vista ser capaz de reduzir os traumas na criança, influenciar positivamente sua recuperação física e emocional e favorecer o enfrentamento dela diante de situações atípicas (Silva et al, 2019; Hockenberry MJ,2014; Oliveira JD,2014).

Fig. 3 – Figura apresentada apenas para efeito de ilustração



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador, 2024.

A utilização da técnica do Brinquedo Terapêutico pela equipe de Enfermagem é regulamentada pela Resolução nº 546/2017, do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), a qual afirma que “compete à equipe de enfermagem, que atua na área pediátrica, a utilização da técnica do brinquedo/brinquedo terapêutico, na assistência à criança e família hospitalizadas”, devendo contemplar as etapas do processo de Enfermagem e ser devidamente registrada no prontuário, de maneira clara, legível, concisa, datada e assinada pelo profissional.

Com base na teoria de Jean Watson sobre o Cuidado Humano (Watson, 2008), buscamos estabelecer uma conexão genuína com cada criança e podemos observar a intervenção da equipe assistencial. Percebemos uma melhora significativa na eficácia das nossas intervenções ao adotar essa abordagem empática e atenciosa. Além disso, a importância da comunicação empática e clara foi reforçada ao longo da experiência. A interação com a equipe multidisciplinar permitiu compreender a relevância do estabelecimento de vínculos de confiança e da transmissão de informações transparentes para o conforto emocional das crianças e de suas famílias, como salientado por Martins et al. (2021).

O diálogo entre as perspectivas de Watson e as observações de outros estudiosos destaca a complexidade do cuidado pediátrico em contextos hospitalares. As ações devem, assim, ser orientadas por uma compreensão profunda das necessidades psicológicas e sociais do menor, indo além do tratamento dos sintomas físicos, para abranger uma resposta terapêutica que considera o bem-estar emocional e psicológico do paciente. Essa estratégia holística e sensível é corroborada pela eficácia das atividades lúdicas e terapêuticas, que, segundo Gomes et al. (2013), demonstraram sucesso na redução da ansiedade infantil, proporcionando conforto e distração.

5. Conclusões

Conclui-se que esta ação conseguiu colocar em prática o método de roda de conversa como recurso de educação em saúde e pesquisa acerca do *Diagnóstico de Enfermagem de Ansiedade* em crianças hospitalizadas, entregando como desdobramento um diálogo interprofissional que certamente fundamentará planos de cuidados e sequentes intervenções de enfermagem. Mostrando também a necessidade de investimentos no tocante à implementação de estratégias para prevenir e aliviar a ansiedade nas unidades pediátricas.

Outra experiência revelada, foi que apesar dos serviços de saúde defenderem metodologias inovadoras na educação permanente, ainda não colocam como prioridade ambientes propícios para a realização das rodas de conversa, grupos focais, entre outras atividades.

Essa experiência proporcionou para os estudantes e professores participantes, não apenas conhecimento sobre estratégias de manejo da ansiedade, mas também uma compreensão mais profunda sobre o processo de saúde-doença e suas repercussões psicossomáticas.

Declaração de conflito de interesses

Os responsáveis pela realização do artigo “Rodas de conversa sobre estratégias para aliviar a ansiedade em crianças hospitalizadas: Um relato de experiência”, certificamos que não apresentamos quaisquer conflitos de interesse relacionado ao artigo.

Referências

- Almeida, M. S. (2019). A Educação Popular em Saúde com grupos de idosos diabéticos na Estratégia Saúde da Família: uma pesquisa-ação. **Revista Ciência Plural**, 5(2), 68-93. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/16954>
- Araújo, T. I. (2020). Educação Em Saúde: um olhar da equipe multidisciplinar na atenção primária. **Rev. Brasileira de Desenvolvimento**, 6(4), 16845-16858. Recuperado de <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/8363/7209>
- Bee, H. (2016). **The Developing Child** (13ª ed.). Pearson.
- Ceretto, J. J. G., & Giacobbe, M. S. (2019). Nuevos desafios em investigación: Teorias, métodos, técnicas e instrumentos (1ª ed., 4ª reimp.). **Rosario: Homo Sapiens Educaciones**.
- Crepaldi, M. A., Rabuske, M. M., & Gabarra, L. M. (2006). Modalidades de atuação do psicólogo em psicologia pediátrica. **Em M. A. Crepaldi, B. M. Linhares & G. B. Perosa (Orgs.), Temas em Psicologia Pediátrica** (pp. 13-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dantas, F. A., Nóbrega, V. M., Pimenta, E. A. G., & Collet, N. (2016). Brinquedo Terapêutico na Administração de Medicação Endovenosa em Crianças: estudo exploratório. **Online Brazilian Journal of Nursing**, 15(3), 453-464. <http://dx.doi.org/10.17665/1676-4285.20165581>
- Dias, R. R., Baptista, M. N., & Baptista, A. S. D. (2003). Enfermaria de pediatria: Avaliação e intervenção psicológica. **Em M. N. Baptista & R. R. Dias (Orgs.), Psicologia hospitalar: Teoria, aplicações e casos clínicos** (pp. 53-73). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Dos Santos, M. S. N., et al. (2016). Diagnóstico de enfermagem: ansiedade e medo no transoperatório em criança. **I Mostra do Internato em Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE)**. Fortaleza, UECE. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/seminarioppccclisenfermaio/anais/trabalhos_completos/256-31160-04052016-161424.pdf
- Dos Santos, J. S. B.; De Meirelles, J. R. (2023). **A enfermagem no tratamento da ansiedade infantil: uma revisão da literatura**. Revista Observatório de la Economía Latinoamericana. Curitiba, v.21, n.12, p. 27599-27619. 2023. ISSN: 1696-8352. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/2627/1852>
- Fernandes, A. B., et al. (2021). Efeitos de técnicas de distração na ansiedade de crianças hospitalizadas. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 74(2), e20200830.

Floro, T. H. (2016). Ansiedad en hospitalización del paciente pediátrico. **Rev. Enferm. Salud Ment**, 4, 15-21. DOI: 10.5538/2385-703X2016.4.15. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6147423.pdf>

Gaya, A. C. A., & Gaya, A. R. (2018). **Relato de experiência: roteiro para elaboração de trabalhos de conclusão de curso de licenciatura**. CRV editora.

Guimarães, S. S. (1998). A hospitalização na infância. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 4(2), 102-112.

Gomes, G. C., et al. (2013). The family's perceptions regarding the child's difficulties adapting to hospitalization: support for nursing. **Cogitare Enferm**, 18(4), 767-774. Recuperado de <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/34935>

Hockenberry, M. J., & Wilson, D. (2014). **Fundamentos de Enfermagem Pediátrica** (9º ed.). Rio de Janeiro (RJ): Elsevier.

Machado, T. M. G., Carvalho, P. I. N., Brandão, A. de S. M., & Vilarinho, M. L. C. M. (2015). A roda de conversa como ferramenta de planejamento de ações: relato de experiência. **Revista Gestão & Saúde**, 751-761. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/2707/2416>

Martins, S. R., et al. (2021). Estratégias de enfermagem para o manejo da ansiedade em crianças: revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, 52, 76.

Melo, J. A., & Santos, M. B. (2021). Abordagens de enfermagem para reduzir a ansiedade em crianças hospitalizadas: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 74(2), e20210311.

Munhoz, M. A. & Ortiz, L. C. M. (2006). **Um estudo da aprendizagem e desenvolvimento em situação de internação hospitalar**. *Educação*, 58(1), 65-83.

Mussi, R. F. de F., Flores, F. F., & Almeida, C. B. de. (2021). Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, 17(48), 60-77. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010

NANDA. (2018). **Diagnósticos de Enfermagem da NANDA I: Definições e Classificação - 2018/2020**. Porto Alegre: Artmed.

Nascimento, W A C. **Guia de orientações para rodas de conversas**. Vitória: Edifes Acadêmico, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/2478/Guia%20de%20orienta%20a7%20b5es%20para%20a%20forma%20a7%20a3o%20de%20rodas%20de%20conversa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Oliveira, J. D., Miranda, M. L. F., Monteiro, M. F. V., & Félix de Almeida, V. C. (2016). Brincar e a criança hospitalizada: visão de enfermeiras. **Revista Baiana de Enfermagem**, 30(4), 1-8. <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v30i4.16414>

Pai, L., et al. (2019). Impacto da hospitalização na ansiedade de crianças: uma revisão crítica. **Jornal de Pediatria**, 95(3), 294-301.

Pérez, I. A. (2021). Ansiedad y expresión gráfica en pacientes pediátricos hospitalizados. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicología*, 2(2), 107-114. Recuperado de https://dehesa.unex.es/bitstream/10662/14133/1/0214-9877_2021_2_2_107.pdf

Resolução n. 546 de 09 de maio de 2017 (BR). Atualiza norma para utilização da técnica do brinquedo/brinquedo terapêutico pela equipe de enfermagem na assistência à criança hospitalizada. **Diário Oficial da União** [periódico na internet], Brasília (DF), 17 maio 2017 [citado 2019 jul 4]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/Resolu%C3%A7%C3%A3o-546-17.pdf>

Silva, A. (2021). Abordagem Multidisciplinar no Manejo da Ansiedade em Crianças Hospitalizadas. **Revista de Saúde Pública**, 45(3), 112-125.

Silva, L. C., Oliveira, A. S., & Almeida, M. A. B. (2021). A importância dos relatos de experiência na construção do conhecimento em enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 13(1), 156-163.

Silva, M. J. P., et al. (2020). Abordagens terapêuticas na redução da ansiedade de crianças hospitalizadas: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 73 (3), e20190330.

Watson, J. *Nursing: The Philosophy and Science of Caring*. Boulder: University Press of Colorado, 2008.

Warschauer, C. **A Roda e o Registro**: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. Paz e Terra: São Paulo, 2017.

Nascimento, W A C. Guia de orientações para rodas de conversas. Vitória: **Edifes Acadêmico**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/2478/Guia%20de%20orienta%C3%A7%C3%B5es%20para%20a%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20rodas%20de%20conversa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>